

Tecnologias de Informação e Comunicação

Engajando o setor privado e comunidades em programas de HIV
com gays e outros homens que fazem sexo com homens



Índice

Introdução	2
Atualização sobre o contexto e a resposta global do HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens	6
Evidências sobre o papel e o impacto em potencial das tecnologias de informação e comunicação e aplicativos para <i>smartphones</i>	8
Experiências do setor privado na construção de comunidades on-line saudáveis	14
Perspectivas comunitárias	20
Abordagens inovadoras para as cascatas dos programas de HIV	25
Recomendações	29
Anexos	33
Referências	39

Introdução

A incidência do HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens parece estar aumentando no mundo inteiro; apesar disso, a cobertura dos programas de HIV permanece sendo insuficiente, tendo diminuído de 59% em 2009 para 40% em 2013 (1). Nos locais onde existem programas de HIV para gays e outros homens que fazem sexo com homens, muitas vezes, os recursos são insuficientes e não são adaptados adequadamente às necessidades específicas daquela população. Muitas vezes, os programas de prevenção existem de maneira isolada, o que resulta em lacunas significativas e perdas de seguimento ao longo da cascata de cuidado contínuo da prevenção, atenção e tratamento do HIV.

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) representam um novo e importante recurso para o aprimoramento do alcance e da efetividade dos programas de HIV. Os gays e outros homens que fazem sexo com homens já utilizam as TICs para facilitar muitos tipos de interações, e existe uma grande variedade de plataformas da iniciativa privada para ajudá-los a negociar encontros sociais e sexuais presenciais. Visto que facilitam oportunidades discretas para encontros sociais e sexuais e o compartilhamento de informações, as TICs desempenham um papel importante para os gays e outros homens que fazem sexo com homens que, sem elas, poderiam ter dificuldade de se encontrar e de conhecer, sobretudo em vista do estigma e da criminalização das relações entre pessoas do mesmo sexo em muitos países do mundo. É por causa disso que as TICs têm o potencial de impulsionar

melhorias programáticas mensuráveis ao longo da cascata de serviços de prevenção, atenção e tratamento do HIV: as TICs podem coletar e disseminar informações, fazer a ligação entre conteúdos virtuais e serviços físicos e complementar os componentes presenciais dos programas de HIV.

Cada vez mais, projetos inovadores estão utilizando as TICs para fortalecer a resposta ao HIV em seus ciclos, desde o planejamento e a implementação, até o monitoramento e a avaliação. Não obstante, ainda há desafios: a maioria dos projetos com TICs são financiados por agências externas, com apoio limitado dos governos nacionais; os programas baseados em TICs raramente são mencionados nas descrições dos principais pacotes e programas de HIV; e não existem diretrizes internacionais quanto a padrões mínimos, necessidades de treinamento ou indicadores de sucesso. Isto impede os esforços para ampliar programas baseados em TICs e garantir que tenham cobertura adequada entre gays e outros homens que fazem sexo com homens.

Talvez, o mais importante de tudo seja o fato de que a intensificação de parcerias público-privadas com relação às TICs ainda seja subaproveitada. Quase sempre, os setores público e privado atuam em separado com as TICs e mensagens sobre HIV, ou a relação entre os dois setores raramente passa de banners de anúncios em aplicativos e sites na internet.

Um número grande de empresas com fins lucrativos que atuam na internet— incluindo o Grindr,

Hornet, MR X/Daddyhunt e Online Buddies—apoia iniciativas para promover a saúde e o bem-estar dos seus clientes. Tais iniciativas poderiam ser fortalecidas por meio de maior colaboração e integração com os serviços financiados e prestados pelos sistemas nacionais de saúde. No entanto, de modo geral este potencial continua subaproveitado, devido, em parte, à falta de familiaridade e facilidade do setor público na utilização de estratégias e programas baseados em TICs. Assim, conseguir a ampliação de tais programas requer que haja mais compreensão e melhores respostas em relação às forças e às limitações tanto dos setores privado e público quanto das organizações e redes comunitárias.

A fim de progredir com a agenda global sobre a utilização das TICs para a saúde e o bem-estar de gays e outros homens que fazem sexo com homens—assim como sua utilização na oferta de serviços de prevenção e atenção ao HIV nessa população—o UNAIDS atuou em estreita parceria com o *Global Forum on Men Who have Sex with Men and HIV-MSMGF* (Fórum Global sobre Homens que Fazem Sexo com Homens e HIV), o Projeto LINKAGES e o Projeto Health Policy—estes dois últimos são apoiados pela *United States Agency for International Development-USAID* (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional)—para organizar uma consulta prática. A consulta, realizada durante dois dias em maio de 2015, reuniu especialistas nas áreas de TICs e de HIV em relação a gays e outros homens que fazem sexo com homens. Juntos os participan-

tes discutiram sobre como criar parcerias significativas e efetivas entre os setores privado e público e comunidades na utilização das TICs para a saúde e o bem-estar de gays e outros homens que fazem sexo com homens.

Objetivos

A consulta teve os seguintes objetivos:

- Determinar melhores práticas informadas por evidências, replicáveis, redimensionáveis e éticas da utilização de TICs em programas de HIV.
- Desenvolver contribuições para uma matriz para o envolvimento e a vinculação dos setores privado e público e de comunidades no planejamento, implementação, monitoramento e avaliação de programas com TICs. A segurança e a privacidade são questões essenciais no desenvolvimento de uma matriz desta natureza.
- Identificar lacunas de informação, evidências e capacidades relativas à utilização de TICs em todo o ciclo de planejamento, implementação e avaliação de programas de HIV.
- Consensuar uma ou mais oportunidades concretas para parcerias público-privadas na utilização de TICs para a saúde e o bem-estar de gays e outros homens que fazem sexo com homens que serão exploradas após a consulta.

Participantes

Entre os participantes, estiveram implementadores de programas, pesquisadores, ativistas em *advocacy* e especialistas na área da utilização de novas tecnologias de mídia para veicular mensagens de prevenção e cuidados em HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens, inclusive representantes de várias empresas privadas proprietárias de algumas das plataformas de relacionamento mais utilizadas.

Este relatório fornece um resumo das atividades da consulta. As apresentações feitas na consulta poderão ser lidas em conjunto com o presente relatório. Estão disponíveis em <https://www.dropbox.com/sh/s1dqehbrdggk5q4/AAAzcl7h10LozK7Cebb4RU-2Da?dl=0>.

Abertura

A consulta foi aberta por representantes das quatro organizações realizadoras. O Diretor Executivo Adjunto do UNAIDS, Luiz Loures, afirmou que os participantes são os agentes de mudança que o UNAIDS busca para poder acelerar a resposta à AIDS e acabar com a epidemia de AIDS enquanto ameaça à saúde pública até 2030. Explicou que, atualmente, o que marca a resposta à epidemia é o avanço da ciência e do conhecimento que resultou em novas opções de tratamento e prevenção. Contudo, o desafio é alcançar novas gerações de pessoas que estão sob maior risco de contrair o HIV— incluindo jovens, gays e outros homens que fazem

sexo com homens e migrantes—para que tenham acesso significativo a essa tecnologia e possam utilizá-la. Conseguir isso, observou Loures, exige atuar de maneira diferente, o que somente será possível com o apoio de formadores de opinião na área das TICs, que têm a capacidade de inovar na criação de novas abordagens para alcançar comunidades e apoiar a mobilização social capaz de impulsionar a resposta à AIDS como um todo. Segundo o Loures, “Precisamos agir e agir rapidamente. Na Europa, nos Estados Unidos da América, na África, na Ásia e no Leste Europeu, a epidemia está crescendo entre gays e outros homens que fazem sexo com homens, e se continuarmos atuando da mesma forma sem mudar, existe o risco de que essas populações fiquem para trás na resposta. Não queremos ver novamente o que vimos nos anos 80 e 90, e vocês precisam nos ajudar nessa grande batalha, que pode ser a última.”

Jack Mackenroth, Oficial Sênior de Comunicações do MSMGF, destacou as evidências alentadoras de que as TICs têm alcance significativo e oferecem potencial considerável para a saúde pública e para a prevenção do HIV, especialmente no campo dos aplicativos móveis. Enfatizou a necessidade da utilização de novas TICs para fornecer informações oportunas e focadas—especialmente sobre a profilaxia pré-exposição (PrEP) e opções de tratamento—para as pessoas que precisam.

Darrin Adams, Assessor Técnico Sênior do Projeto Health Policy, e Matt Avery, Oficial de Comunicações Comportamentais Estratégicas do projeto

LINKAGES, parabenizaram a consulta enquanto oportunidade para o setor privado, comunidades e organizações que trabalham com HIV para entenderem melhor seus respectivos papéis, forças e limitações. Também sugeriram que a consulta seria uma oportunidade para identificar melhores práticas e maneiras de construir parcerias frutíferas capazes de promover avanços na agenda das TICs para programas de HIV com gays e outros homens que fazem sexo com homens.

A partir de uma perspectiva comunitária, Laurindo Garcia, fundador da B-Change Foundation, elogiou a representação da voz dos países em desenvolvimento na consulta, dizendo que espera que sirva de inspiração para o setor privado focar a atenção na África Subsaariana, facilitando parcerias nos mercados em desenvolvimento que possam melhorar a realidade dos gays e outros homens que fazem sexo com homens.

Atualização sobre a situação e resposta global do HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens

Keith Sabin, Assessor Sênior em Epidemiologia do UNAIDS, apresentou uma visão geral da situação da epidemia do HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens, mostrando que o número de novas infecções entre essa população está aumentando na maioria das regiões do mundo, e que o acesso a serviços de prevenção, testagem e tratamento continua sendo demasiadamente baixo.

Segundo o *Global AIDS Response Progress Report - GARPR* (Relatório de Progresso da Resposta Global à AIDS), as maiores prevalências medianas de HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens foram encontradas na África Ocidental e Central (19%), seguido da África Oriental e Austral (13%). Em todas as regiões, a epidemia entre gays e outros homens que fazem sexo com homens está significativamente maior do que entre a população geral; de modo geral a epidemia também é heterogênea e tende a ser urbana.

O GARPR também mostrou grandes disparidades no acesso a serviços e insumos para HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens entre e dentro os países. Enquanto a tendência da utilização do preservativo na última relação sexual anal parece estar aumentando no Leste Asiático e na Europa Ocidental e Central, a tendência está diminuindo no Sul e no Sudeste da Ásia e na África Subsaariana. De modo geral, a tendência está estável no Caribe, no Leste Europeu e na Ásia Central. As tendências para testagem também se encontram essencialmente estáveis, permanecendo em menos de 55% em todas as regiões. Ademais, embora a

PrEP tenha se demonstrado eficaz, há pelo menos 7 milhões de gays e outros homens que fazem sexo com homens que estão sob maior risco de contrair o HIV, e menos de 10 mil gays e outros homens que fazem sexo com homens que atualmente tomam PrEP (a maioria nos Estados Unidos).

O Sr. Sabin explicou que os dados coletados pelo UNAIDS vêm predominantemente dos governos (e ocasionalmente da sociedade civil). Visto que muitos países não notificam dados relacionados aos gays e outros homens que fazem sexo com homens—especificamente no que diz respeito a estimativas do tamanho da população, incidência, novas infecções, comportamentos e acesso a programas de HIV—de modo geral, os dados disponíveis são incompletos e insuficientes para refletir a realidade da epidemia nessa população (2).

Principais questões destacadas

Em seguida à atualização sobre o contexto a global do HIV e da resposta entre gays e outros homens que

fazem sexo com homens, os participantes discutiram o desencontro significativo entre as estimativas do tamanho da população apresentadas pelo UNAIDS e o número de gays e outros homens que fazem sexo com homens que são alcançados por aplicativos de relacionamento. Por exemplo, o número de gays e outros homens que fazem sexo com homens utilizando o Hornet (um aplicativo de relacionamento) em apenas uma cidade no Quênia é maior que as estimativas do UNAIDS para o tamanho total da população de gays e outros homens que fazem sexo com homens no Quênia como um todo.

Visto que as estimativas de tamanho populacional do UNAIDS geralmente são oriundas de levantamentos altamente localizados, foram levantadas perguntas sobre como o UNAIDS pode utilizar dados de aplicativos de relacionamento para desenvolver estimativas mais precisas dos números de gays e outros homens que fazem sexo com homens, especialmente em países de renda baixa e média (onde tais estimativas são essenciais para a mobilização de recursos para a prestação de serviços a essa população).

Evidências sobre o papel e o impacto em potencial das tecnologias de informação e comunicação e aplicativos para *smartphones*

Nesta sessão foram feitas apresentações sobre a utilização das TICs entre gays e outros homens que fazem sexo com homens nas regiões da Ásia-Pacífico, Europa, América do Norte e África Subsaariana, bem como sobre o papel em potencial das TICs na promoção da saúde sexual.

Europa

Teymur Noori, Especialista em Saúde Pública do Centro Europeu de Prevenção e Controle de Doenças (ECDC), forneceu uma breve visão geral da situação epidemiológica do HIV e das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) entre gays e outros homens que fazem sexo com homens na Europa. Isto incluiu os resultados e conclusões preliminares e os próximos passos de um projeto realizado em conjunto com o Terrence Higgins Trust (THT) a fim de entender o impacto dos aplicativos para *smartphones* sobre os gays e outros homens que fazem sexo com homens—especificamente o impacto sobre sua saúde sexual e o impacto dos esforços de prevenção de ISTs e HIV focados nessas populações, e como tais aplicativos estão sendo utilizados em programas de organizações que atuam na prevenção do HIV.

Noori explicou que o sexo entre homens é o meio predominante da transmissão da gonorreia, da sífilis e do HIV na União Europeia, e que os gays e outros homens que fazem sexo

com homens representaram mais de 40% dos casos notificados de HIV em 2013 (3). Estudos na Europa têm demonstrado que uma proporção significativa (76%) de gays e outros homens que fazem sexo com homens que não estão em relacionamentos monogâmicos utilizam plataformas online para encontrar parceiros sexuais, e que a utilização de aplicativos foi maior entre aqueles com mais parceiros sexuais. Não obstante, o ECDC e o THT observaram que, até o momento, não há pesquisas conclusivas que indiquem que os aplicativos para *smartphones* estejam provocando mudanças em comportamentos de risco ou na transmissão das ISTs e do HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens. Está claro, contudo, que os sites na internet e os aplicativos móveis têm, de fato, um papel importante na vida social e sexual de gays e outros homens que fazem sexo com homens, e que a utilização deste canal deveria ser priorizada por todas as áreas da prevenção ao HIV focadas nesta população.

As evidências relativas a atividades de prevenção do HIV utilizando TICs na Europa têm se concentrado principalmente em abordagens virtuais, anúncios online utilizando espaços virtuais frequentados por gays e outros homens que fazem sexo com homens, e campanhas de mídias sociais.

América do Norte

David Novak, Estrategista Sênior de Saúde da Online Buddies e Diretor Executivo do Online Buddies

Research Institute, explicou que as tentativas de utilizar a internet para responder às necessidades de saúde sexual dos gays e outros homens que fazem sexo com homens começaram na América do Norte há mais de 11 anos. Àquela época, os Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) nos Estados Unidos realizou uma consulta que reuniu atores da saúde pública e proprietários de sites de relacionamento a fim de encontrar formas de colaboração para alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens que utilizavam esses sites. Foi apenas a partir daquele momento que se começou a reconhecer o setor privado como um parceiro pleno na resposta ao HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens. Mais importante ainda, segundo sugeriu o Novak, embora haja evidências mostrando o enorme alcance das novas TICs, não há evidências claras sobre como tais tecnologias possam mudar as atitudes e os comportamentos das pessoas e reduzir as infecções por HIV. A geração desse tipo de evidências vai exigir diretrizes.

David Brennan, Professor Associado da Universidade de Toronto, apresentou os resultados de um estudo comunitário utilizando vários métodos em toda a província de Ontário, que teve como objetivo fornecer subsídios sobre abordagens virtuais e móveis junto a gays e outros homens que fazem sexo com homens naquela província canadense. O estudo se baseou em entrevistas qualitativas com 22 prestadores de serviços, bem como uma pesquisa online com 1.830 gays e outros homens que fazem sexo com homens recrutados entre dezem-

bro de 2013 e janeiro de 2014 por meio de sites na internet, aplicativos móveis e organizações comunitárias. O estudo confirmou que os gays e outros homens que fazem sexo com homens ficam online com frequência, utilizando a internet para encontrar outros homens, assistir a vídeos pornográficos e acessar informações sobre saúde sexual. Também utilizam uma variedade de aplicativos independentemente do horário. O estudo demonstrou que os prestadores de serviços precisam renovar os conceitos sobre a abordagem virtual enquanto ferramenta vital para a prevenção do HIV. Apesar disso—e apesar da consciência entre os prestadores quanto ao aumento da demanda por serviços de abordagem virtual para gays e outros homens que fazem sexo com homens— a capacidade de seus funcionários e desafios éticos são barreiras para a prestação de serviços efetivos de abordagem virtual.

A região da Ásia-Pacífico

Laurindo Garcia apresentou a situação da penetração das TICs na região da Ásia-Pacífico, que apresenta uma tendência crescente muito maior que outras regiões (tais como a África, os Estados Árabes e a Comunidade dos Estados Independentes).

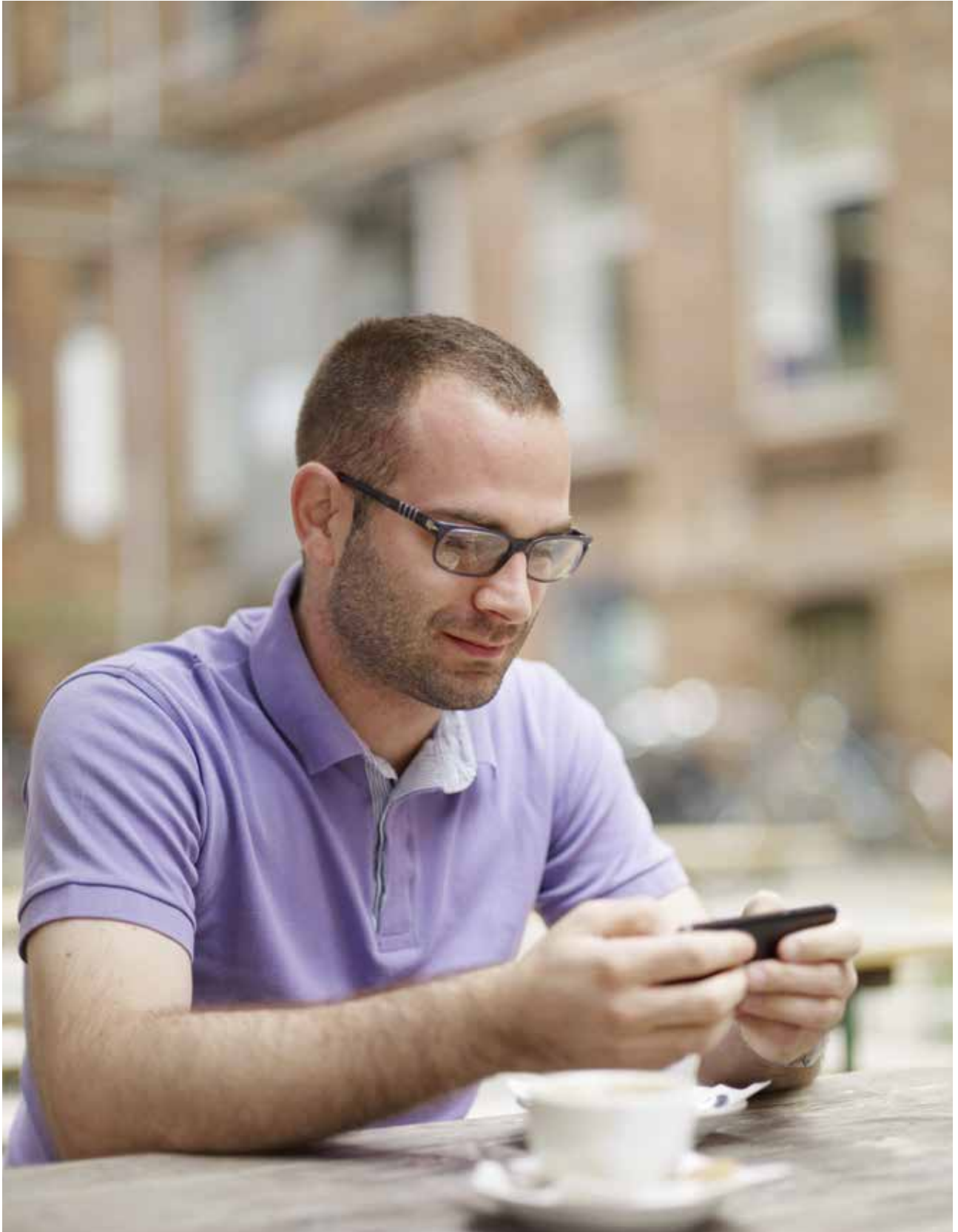
Segundo pesquisa documental realizada pela B-Change Foundation, que utilizou dados de várias fontes, o número de usuários de *smartphones* entre gays e outros homens que fazem sexo com homens em cidades específicas selecionadas na Ásia foi acima de 12 milhões em 2014. O número médio de

usuários entre populações de jovens lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans e intersexuais (LGBTI) em cidades selecionadas na China, na Indonésia e nas Filipinas foi de aproximadamente um milhão cada. Garcia também demonstrou como os gays e outros homens que fazem sexo com homens têm receptividade em relação a serviços online na região: os gays e outros homens que fazem sexo com homens utilizam várias plataformas sociais, sobretudo o Facebook (embora o serviço de SMS e aplicativos de mensagens instantâneas também sejam bastante utilizados).

Garcia destacou que os gays e outros homens que fazem sexo com homens que utilizam a internet não são um grupo homogêneo, e que não utilizam a internet apenas para buscar e encontrar parceiros sexuais: também gostam de paquerar, bater papo e encontrar informações e serviços de saúde sexual. Como resultado desses comportamentos variados, abordagens centradas nos usuários e que levem em conta um amplo leque de atividades online são essenciais para alcançá-los com sucesso.

África Subsaariana

Riaan Norval, Coordenador de Mídia do Anova Health Institute, indicou que a alta penetração de telefones celulares na África tem inspirado inovações tecnológicas e criado novas indústrias para solucionar problemas específicos da África. Não obstante, a penetração de *smartphones* e de outros aparelhos habilitados para dados (*data enabled devices*), como



os *tablets*, permanece baixa no continente, onde os celulares com funções limitadas (*feature phones*) predominam.[1]

O Sr. Norval descreveu a iniciativa Health4Men do Anova Health Institute na África do Sul, um *site mobile* que permite que gays e outros homens que fazem sexo com homens possam acessar informações discretas, precisas e atuais pelos seus celulares. [2] As informações fornecidas incluem informações sobre ISTs, abuso de substâncias, sexo, prevenção e transmissão do HIV e terapia antirretroviral. Através do *site mobile*, os membros podem encontrar o serviço de saúde mais próximo especializado em atender gays, e podem enviar perguntas anônimas para a equipe de médicos da iniciativa Health4Men. Também podem ler artigos relacionados à saúde sexual escritos por autores colaboradores e participar de pesquisas mensais. Só em 2015, a Health4Men tinha aproximadamente 10.300 usuários.

Na África Oriental, onde há muita homofobia, agora gays e outros homens que fazem sexo com homens têm acesso ao Afya4Men, um recurso abrangente sobre saúde sexual masculina criado para atender às

1 *Um feature phone é um tipo de telefone celular que tem mais recursos que um celular básico, mas menos recursos que um smartphone. Os feature phones podem fazer e receber chamadas, enviar mensagens de texto e oferecer alguns (mas não todos) dos recursos avançados dos smartphones. Os feature phones foram criados principalmente para consumidores que querem um celular multifuncional, mas que não se dispõem a pagar os preços mais altos associados aos smartphones verdadeiros.*

2 *Um site mobile é um site que é acessível a partir do navegador de internet de qualquer aparelho, inclusive de um computador de mesa (desktop). Para poder registrar o nome de um domínio .mobi, um site precisa atender requisitos específicos que fazem com que seja mais fácil visualizá-lo e utilizá-lo a partir de aparelho móveis (como smartphones e assistentes pessoais digitais).*

suas necessidades específicas. Criado para ser acessível a partir de qualquer computador ou telefone celular com conexão à internet, o Afya4men foi lançado em novembro de 2014 e já tinha 1.600 usuários em maio de 2015.

Principais questões destacadas

Nas discussões em seguida a essa sessão, as seguintes principais questões foram destacadas:

- Inovações de TICs estão ocorrendo rapidamente em todas as regiões, e muitos dos gays e outros homens que fazem sexo com homens que utilizavam sites na internet para encontrar parceiros sexuais, criar ambientes seguros, construir comunidades e acessar informações sobre saúde sexual, agora estão utilizando aplicativos nos seus *smartphones*.
- Não há uma única plataforma de TICs que sirva para todo mundo, e muitos gays e outros homens que fazem sexo com homens não estão procurando apenas encontros ou informações sobre HIV; também estão paquerando, batendo papo e procurando oportunidades de entretenimento. Abordagens centradas nos usuários são essenciais. Também é fundamental encontrar maneiras para aproveitar as plataformas que já vêm sendo utilizadas.
- O HIV é apenas uma de muitas preocupações para os gays e outros homens que fazem sexo com homens; em alguns casos, pode nem ser uma preocupação. Existem também questões culturais, de homofobia e até de pobreza, e

qualquer resposta precisa levar em consideração as diferentes necessidades da população.

- Visto que os gays e outros homens que fazem sexo com homens não são um grupo homogêneo, a escolha do programa deve se basear nas especificidades do grupo que o programa pretende alcançar. Por exemplo, por causa dos custos associados à sua utilização, a tecnologia pode ser menos acessível para homens mais desfavorecidos na África Subsaariana do que para homens com maior grau de instrução ou com mais recursos financeiros. Além disso, devem ser utilizadas diferentes linguagens e abordagens com homens que não se identificam como gays e que assim não reagiriam a programas direcionados especificamente a gays.
- Embora anúncios online de promoção da saúde com enfoque em gays e outros homens que fazem sexo com homens tenham se comprovado muito eficazes—e as mídias sociais tenham se tornado essenciais para campanhas bem-sucedidas de prevenção do HIV—a abordagem virtual está enfrentando desafios singulares. Estes podem ser atribuídos às restrições estruturais de alguns sites, à necessidade de habilidades que são diferentes das habilidades online tradicionais, e a dificuldades em obter acesso ou apoio dos proprietários de aplicativos ou de sites.
- As organizações que trabalham com aplicativos de relacionamento vêm enfrentando desafios, incluindo a falta de financiamento para a realização do trabalho de prevenção online, a falta de entendimento entre financiadores locais quanto

à importância da abordagem virtual para as comunidades locais de gays e outros homens que fazem sexo com homens, a falta de conhecimento ou de habilidades para o desenvolvimento e divulgação de mensagens apropriadas nos aplicativos, o alto custo de anúncios e, de vez em quando, a falta de contato com (ou apoio) os proprietários dos aplicativos.

- A África Subsaariana pode precisar de atenção especial, não somente por causa da grave situação jurídica dos gays e outros homens que fazem sexo com homens e as poucas chances de investimento pelo setor público em programas de saúde para essa população em muitos países, como também por causa do aumento rápido da penetração da internet, de celulares e de *smartphones* que oferecem excelentes oportunidades novas.
- Fazem-se necessárias evidências sobre a efetividade e o impacto de programas baseadas em TICs tanto na infecção pelo HIV quanto nas atitudes e nos comportamentos das pessoas, a fim de poder defender junto ao setor público o financiamento da utilização das TICs em programas com gays e outros homens que fazem sexo com homens.
- A noção do que seria a “evidência do que funciona” varia entre o setor privado (que tende a focar no seu alcance enorme e no volume de visitas e cliques) e o setor público (que exige provas do impacto, tais como a demonstração de como cliques e visitas dentro de mensagens contribuem para mudanças comportamentais e utilização de serviços).

Experiências do setor privado na construção de comunidades saudáveis online

Representantes de empresas que são proprietárias e que operam aplicativos de relacionamento forneceram uma visão geral de como funcionam suas plataformas e do público que alcançam. Também apresentaram o trabalho de suas empresas nas áreas de saúde sexual e HIV, suas atividades futuras em resposta ao HIV, e suas impressões quanto aos desafios e às oportunidades de trabalharem com o setor público e as organizações não governamentais (ONGs).

Steve Levin, Chefe de Vendas Globais do Grindr, destacou como o Grindr é a maior rede móvel gay dos Estados Unidos e uma das maiores mundialmente, alcançando um total de 8 milhões de usuários. Em seu trabalho relacionado ao HIV, o Grindr formou parceria principalmente com o CDC, e também está atuando em estreita parceria com a San Francisco AIDS Foundation, grupos locais de gays e lésbicas, e outras organizações na promoção da testagem, educação e prevenção em HIV. Visto que possui uma massa crítica de usuários, o Grindr vem conectando os usuários a campanhas tradicionais de HIV (como o Dia Nacional do Teste de HIV e o Dia Mundial contra a AIDS), e também oferece uma quantidade significativa de espaços gratuitos para anúncios de várias organizações sem fins lucrativos.

Por meio do seu projeto Grindr 4 Equality, a empresa busca educar os usuários do Grindr, incentivar a sexualidade saudável (bem como a saúde mental e física), envolver usuários em pesquisas do ativismo, além de mobilizá-los para participação no ativismo, serviços diretos e construção de comunidades. Procura garantir que os usuários saibam onde e quando podem acessar a testagem para ISTs/HIV, compartilha as informações mais atualizadas com os usuários para que possam tomar decisões infor-

madras sobre o uso de meios de proteção toda vez que façam sexo, aumenta o acesso a ferramentas de prevenção das ISTs, como a PrEP, e apoia usuários HIV positivos no acesso ao tratamento.

Algumas das principais limitações e desafios enfrentados pelo Grindr no trabalho com HIV inclui o acesso limitado a *smartphones* em muitos países de alta prevalência, o acesso limitado a dados demográficos e comportamentais sobre os usuários devido à importância de respeitar o anonimato, a dificuldade em criar mensagens convincentes que aprimorem as experiências dos usuários, além de fazer com que os usuários se sintam à vontade para utilizar aplicativos móveis para além do simples encontro com pessoas.

Sean Howell, Diretor Presidente do Hornet, explicou que o Hornet tem grande presença em muitos mercados emergentes—incluindo Brasil, China, África do Sul e Tailândia—bem como em San Francisco (onde é sediada). O Hornet, que está disponível em vários idiomas, é o primeiro aplicativo a introduzir a campanha *Know your Status - KYS* (Conheça Sua Sorologia) em redes sociais móveis para gays e outros homens que fazem sexo com homens. Na campanha KYS, homens HIV positivos ou que se testaram recentemente podem revelar sua própria sorologia para o HIV, e neste caso recebem um marcador no perfil deles. Os usuários que escolhem indicar a sorologia HIV negativa têm a opção de incluir a data do último teste que fizeram; aqueles que fazem essa opção também recebem um marcador no perfil deles e recebem

lembretes periódicos para fazer o teste novamente. Os usuários que preferem não fazer o teste depois de receber o lembrete terão sua situação sorológica desativada na campanha KYS. O Hornet também integrou o recurso Aids.Gov no seu aplicativo, que informa a localização do serviço mais próximo de testagem e como agendar o teste. Isto estabelece um ambiente mais seguro para os usuários do aplicativo, que são incentivados a compartilhar sua sorologia para o HIV no perfil deles no Hornet, e a mantê-la atualizada, tanto para o benefício da sua própria saúde quanto para o benefício de outras pessoas. Também ajuda a criar uma comunidade aberta e acolhedora para usuários HIV positivos. Como resultado, o Hornet consegue responder ao estigma relacionado ao HIV na sua comunidade, e tem complementado esses esforços através de colaboração com organizações no mundo inteiro para alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens com campanhas de resposta à AIDS que abordam uma variedade de temas.

Geng Le, Diretor Presidente da rede Danlan Gay Men's Network, apresentou o trabalho de sua organização sem fins lucrativos, que criou o Blued, o primeiro aplicativo de relacionamento gay da China. A Danlan Gay Men's Network foi criada para promover a solidariedade social e não o lucro, e representa um projeto abrangente que vincula abordagem virtual e motivação com atividades e serviços externos. Seu aplicativo de relacionamentos, o Blued, é o maior aplicativo de relacionamento gay do mundo (com 15 milhões de usuários na China e em outros países), e proporciona aos

usuários informações sobre formas de prevenção, tratamento e atenção ao HIV, os direitos de gays e outros homens que fazem sexo com homens, bem como os riscos associados ao sexo desprotegido. Também informa os usuários sobre locais onde podem acessar testagem e aconselhamento em HIV.

A rede da Danlan opera um serviço gratuito de testagem rápida para HIV para gays e outros homens que fazem sexo com homens em parceria com serviços de saúde pública. Também organiza campanhas contra a discriminação e presta apoio técnico sobre iniciativas virtuais de prevenção e tratamento do HIV. Atualmente está ampliando sua atuação em outros países, com novos escritórios em breve na Tailândia e nos Estados Unidos.

O principal desafio enfrentado pela Danlan na China são as alegações de que seu site e o aplicativo Blued sejam responsáveis pela disseminação do HIV porque proporcionam oportunidades de relacionamentos sexuais.

Consequentemente, a Danlan está realizando ativamente ações de *advocacy* para aumentar a aceitação tanto das pessoas com orientações sexuais diferentes, quanto das pessoas vivendo com HIV. Também está trabalhando para promover mudanças nas políticas oficiais no âmbito nacional, incluindo legislação para proibir a discriminação contra pessoas vivendo com HIV.

Carl Sandler, Diretor Presidente da DaddyHunt e da MR X, observou que o site DaddyHunt.com e o

aplicativo MR X para *smartphones* representam a maior comunidade virtual para homens acima dos 40 anos e seus admiradores. O MR X tem em torno de 2 milhões de usuários e continua sendo baixado milhares de vezes por dia. O manifesto do MR X incentiva os membros a viverem “HIV Neutros.” O manifesto pergunta se estão abertos a sair com alguém independente da sorologia para HIV, e os usuários que respondem afirmativamente ganham um distintivo nos perfis deles que afirma que “vivem livres do estigma.”

A empresa vem auxiliando departamentos de saúde com surtos de doenças e participando de fóruns de saúde pública, do Dia Mundial contra a AIDS e de outras iniciativas coordenadas. Vende espaço para banners com desconto, e fornece banners gratuitos em sites ou aplicativos selecionados para departamentos de saúde que querem alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens, mas que sofrem de restrições de tempo ou de orçamento. A empresa também busca trabalhar com agências para testar, desenvolver e avaliar novas iniciativas para impulsionar a testagem, a sensibilização e a educação em HIV. Para Sandler, há um número demasiado de agências e organizações diferentes—cada uma pensando, nas palavras dele, “pequeno”—utilizando aplicativos para fazer anúncios, sem que haja alguém no mundo digital que esteja “gerenciando a marca” da saúde sexual para gays e outros homens que fazem sexo com homens.

David Novak concluiu a sessão, explicando que a Online Buddies é a empresa matriz das platafor-

mas de relacionamento Jack'd e Manhunt, que juntas atendem mais de 10 milhões de usuários em praticamente todos os países do mundo. Há tempo a Online Buddies vem demonstrando seu compromisso com a proteção da saúde dos seus usuários; isto se refletiu logo no início com o estabelecimento de um departamento de saúde e um site dedicado à saúde—e, em seguida, um instituto de pesquisa—para consolidar a saúde e a pesquisa em toda sua família de marcas. A Online Buddies foi pioneira nas atividades de notificação de parceiros pela internet por parte de prestadores de serviços de saúde pública (por meio de mídias virtuais, como o email, mensagens instantâneas e salas de bate-papo) e nas atividades de abordagem virtual realizadas por organizações de base comunitária (por meio de salas de bate-papo, redes sociais, quadros de avisos, grupos de email e outras comunidades virtuais) nos Estados Unidos.

A Online Buddies firmou parcerias com empresas que fornecem testagem para HIV e ISTs em domicílio ou online, empresas fabricantes de preservativos, centros de internamento para tratamento de abuso de substâncias por pessoas LGBTI, e meios de comunicação e organizações de saúde e *advocacy* LGBTI. Além disso, tem coordenado vários projetos que utilizam a internet para realizar estudos com gays e outros homens que fazem sexo com homens, incluindo as pesquisas por internet com homens na Europa e no Caribe (as pesquisas EMIS e CARIMIS, respectivamente), seu próprio *Men's National Sex Study - MNSS* (Estudo Nacional sobre Sexo entre Homens) nos Estados Unidos, o projeto-piloto de notificação de parceiros da Elton John AIDS Foundation/United Kingdom

Internet, bem como estudos de aceitabilidade e utilização da PrEP (antes e também depois do estudo da Iniciativa da Profilaxia Pré-Exposição, também conhecido como o IPrEx). Também promoveu vários outros estudos globais pré-aprovados.

Entre as oportunidades e fortalezas em comum, discutidas pelas empresas de aplicativos de relacionamento, estão as seguintes:

- A capacidade de alcançar milhões de usuários com mensagens geolocalizadas a qualquer hora ou a partir de qualquer local (inclusive em áreas de alto risco).
- As taxas de utilização de *smartphones* continuam a aumentar, sobretudo em países em desenvolvimento.
- Cada vez mais pessoas estão buscando informações através de aparelhos móveis em vez de computadores de mesa (*desktops*).
- A capacidade deles de integrarem a vida sexual de gays e outros homens que fazem sexo com homens com recursos e informações para torná-la mais segura.
- A capacidade deles de alcançarem indivíduos com sexualidade diversa não assumida que de outra forma não buscariam informações sobre HIV ou sexo mais seguro.
- A capacidade deles de obterem uma resposta imediata de usuários em seguida a qualquer chamado potencial à ação.

- A capacidade de monitorar os usuários ao longo do tempo para verificar se soroconverteram, fizeram o teste, estão tomando PrEP, etc.

As limitações e desafios em comum das contribuições que os aplicativos de relacionamento podem dar aos programas de HIV podem ser resumidos da seguinte maneira:

- A geolocalização dos indivíduos pode ser utilizada de maneira prejudicial (ex. rastreamento pela polícia).
- Não conseguem criar mensagens convincentes que aprimorem a experiência do usuário.
- Fazer com que o usuário utilize aplicativos móveis não só para encontrar pessoas pode ser um desafio (ex. utilizá-los para procurar serviços de saúde).
- Necessidade de ter uma entidade de coordenação no que diz respeito a mensagens relativas ao HIV e às ISTs, e que coordene as relações com as empresas de aplicativos de relacionamento.
- Os prestadores de serviços de saúde pública estão simplesmente fazendo anúncios em banners com conteúdos limitados e sem poder de persuasão; não possuem métodos robustos para verificar se os anúncios foram eficazes ou se foram amplamente utilizados.
- É problemática a percepção equivocada entre o público em geral quanto à relação entre

a disseminação do HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens e os avanços da internet.

- As empresas de aplicativos de relacionamento precisam de orientação profissional sobre o conteúdo técnico das mensagens e sobre as inovações no campo da prevenção. Também são necessários recursos adicionais para implementar programas eficazes.

Principais questões destacadas

Na discussão que se deu em seguida, várias questões-chave foram levantadas:

- Os gays e outros homens que fazem sexo com homens estão conectados via Facebook, aplicativos e mídias sociais, mas os esforços para alcançá-los com mensagens sobre saúde não são coordenadas.
- Faz-se necessária uma estratégia coerente e coordenada para alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens por meio de aplicativos de relacionamento. Cada aplicativo é diferente e cada comunidade é singular. Trabalhar com aplicativos específicos, para garantir que os usuários recebam as informações específicas de que necessitam, requer orientação, apoio, financiamento e objetivos claros.
- A saúde pública precisa simplificar as mensagens e apoiar estratégias mais efetivas. Por

exemplo, em vez de focalizar em anúncios com banners (cujo efeito é limitado e que muitas vezes são mal aproveitados), seria mais custo-efetivo trabalhar com aplicativos para mudar a maneira como se cria os perfis dos usuários.

- Oferecer anúncios gratuitos por meio de aplicativos não é sustentável porque as empresas que fornecem os aplicativos dependem dos anúncios para sua receita. Os departamentos de saúde deveriam realocar fundos para áreas que produzam o maior impacto, e as autoridades da saúde pública precisam gerenciar a cascata programática do início ao fim, começando com a promoção da mensagem ou do anúncio, até os desfechos e o estabelecimento dos mecanismos corretos para avaliação dos programas.
- O conteúdo é essencial: precisa ser divertido, animado, educativo e informativo. Os profissionais da saúde pública precisam formar parcerias com as empresas de aplicativos de relacionamento para criar conteúdos originais sobre saúde que sejam atraentes e que não representem uma ameaça. O conteúdo precisa ser atraente e acessível pelos usuários e, ao mesmo tempo, seguir as diretrizes e regras dos fornecedores dos aplicativos. Também precisa haver coerência e coordenação no envio de mensagens dentro de áreas geográficas.
- Há questões importantes de saúde que muitas comunidades de gays e outros homens

que fazem sexo com homens não entendem plenamente, inclusive a PrEP e a profilaxia pós-exposição (PEP). Informações essenciais sobre HIV precisam ser prestadas de maneira mais oportuna e efetiva pelo setor público e pelos organismos das Nações Unidas (como o UNAIDS).

- As organizações interessadas em formar parcerias com empresas de aplicativos de relacionamento a fim de alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens precisam apresentar propostas formais com orçamentos delineando seus planos. Em seguida, tais propostas passariam por um processo de avaliação para permitir que as empresas decidam se têm interesse ou não no que está sendo proposto.
- Embora os aplicativos de relacionamento geralmente precisem receber financiamento para veicular anúncios, já divulgaram anúncios gratuitamente em determinadas situações (durante surtos ou quando não havia fundos disponíveis, por exemplo). Às vezes, os resultados foram tão positivos que, em seguida, os governos providenciaram recursos orçamentários para fazer anúncios.
- Organizações pequenas que procuram o apoio dos aplicativos de relacionamento precisam se tornar parte de um esforço coordenado—precisam atuar em conjunto com organizações maiores para garantir sua abordagem por meio das mídias sociais.

Perspectivas comunitárias

Representantes comunitários do Quênia, das Filipinas e da África do Sul apresentaram perspectivas comunitárias sobre programas e serviços de HIV prestados via plataformas baseadas em TICs, incluindo o que querem e o que precisam dessa abordagem, e o que consideram ser os principais desafios e oportunidades associados a ela. Também discutiram suas percepções sobre as oportunidades e os desafios relacionados à colaboração entre comunidades e os setores público e privado no que diz respeito à utilização das TICs.

Denis Nzioka, ativista LGBTI e jornalista do Quênia, informou que uma revolução de TICs está ocorrendo no país, com 93% dos quenianos utilizando telefones celulares e 52,3% de cobertura de internet de baixo custo. Os gays e outros homens que fazem sexo com homens quenianos estão utilizando várias modalidades de TICs para se comunicar e se encontrar, incluindo SMS, mídias sociais (como Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp), email, blogs, sites e aplicativos. Existem vários programas que utilizam as TICs para alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens, incluindo sites de organizações da comunidade LGBTI com seções específicas com informações sobre saúde, blogs pessoais ou organizacionais, páginas do Facebook de ativistas da saúde dos gays e ativistas de HIV, plataformas de e-saúde como a Afya4Men, assinaturas de SMS e linhas diretas (*hotlines*) que permitem que os usuários possam falar com enfermeiros treinados sobre questões de saúde. Embora questões de HIV, sexo anal, uso do preservativo, e serviços de HIV e ISTs sejam os componentes-cha-

ve de tais programas, questões interligadas—tais como saúde mental, uso de drogas, violência doméstica, assédio físico e psicológico, pós-trauma, trabalho sexual, assumir-se e identidades— não deveriam ser deixadas de lado.

Um grande desafio enfrentado pelos programas existentes é o conteúdo das mensagens. É possível que haja falta de alguns conteúdos essenciais, ou que alguns conteúdos sejam equivocados ou incorretos. Também é importante levar em consideração questões de anonimato, acessibilidade, custo, disponibilidade e segurança.

Segundo Nzioka, o principal fator da oportunidade de alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens é o avanço do *smartphone*, que tem estabelecido mercados crescentes para aplicativos móveis que estão revolucionando a maneira como as pessoas fazem quase tudo em suas vidas. Desenvolver um aplicativo que atenda às necessidades de saúde de gays e outros homens que fazem sexo com homens na África pode ser eficaz, contanto que forneça os conteúdos certos na hora certa e da maneira certa.

Laurindo Garcia destacou como organizações de base comunitária e sistemas de saúde pública na região da Ásia-Pacífico têm tido capacidade limitada para se comunicar estrategicamente com gays e outros homens que fazem sexo com homens. Até recentemente, a comunicação estratégica via internet era uma prioridade muito baixa para as organizações de base comunitária, que preferiam concen-

trar no engajamento de tomadores de decisões. Não há rubricas para TICs nos orçamentos das organizações de base comunitária porque faltam as habilidades e capacidades necessárias no nível comunitário. Desde 2012, contudo, essa situação vem melhorando, e já houve exemplos de abordagens baseadas em TICs por parte de organizações de base comunitária e prestadores de serviços, sobretudo em áreas relacionadas à redução do estigma e da discriminação. Outras abordagens têm tido enfoque na geração de demanda e encaminhamento para serviços, inclusive por meio de anúncios com aplicativos (quando havia orçamentos disponíveis) e o envolvimento amplo de atores interessados.

A B-Change Foundation, uma organização sem fins lucrativos registrada nas Filipinas desde 2011, vem promovendo mudanças sociais por meio da tecnologia, utilizando abordagens baseadas em tecnologias para construir relações mais efetivas entre os beneficiários e os diversos atores do governo, do setor privado e da sociedade civil. A Fundação é mantida pela B-Change Insights e pela B-Change Technology. Também conta com um portfólio diverso de apoio financeiro e de outros tipos, incluindo brindes, doações, financiamento, auxílio técnico, trabalho voluntário e serviços *pro bono*.

A B-Change tem se focado na prestação de serviços de apoio e *advocacy* utilizando aplicativos, mídias sociais e outras abordagens baseadas em tecnologias para diferentes grupos de jovens (incluindo jovens vivendo com HIV). Atuando em cinco idiomas, criada para poder utilizar modelos e

metodologias alternativas e adotando uma abordagem centrada no usuário, a B-Change é híbrida: é uma empresa tecnológica sediada em Singapura que desenvolve softwares para organizações voltadas para o desenvolvimento comunitário; é uma organização filantrópica sediada em Manila, nas Filipinas, que utiliza a tecnologia para apoiar ações de *advocacy* e prestar cuidado e apoio para jovens que precisam de ajuda; e também é um instituto de pesquisa sediado em Nova York, nos Estados Unidos, que produz análises e outros produtos de conhecimento acerca de questões sociais. Todos os atuais programas da B-Change foram delineados para contribuir com sua estratégia *Connecting the Dots* (Conectando os Pontos), lançada no Dia Internacional dos Direitos Humanos em 2013 para articular como o grupo levará o envolvimento comunitário para o próximo nível em um mundo Web 2.0. O foco da estratégia é o apoio ao bem-estar de jovens LGBTI e seus aliados em países em desenvolvimento e países emergentes por meio da promoção da saúde, dos direitos humanos e da participação cidadã.

Luiz De Barros apresentou o site LGBTI MambaOnline, do qual é Editor e Chefe de Redação. O maior site LGBTI da África do Sul, o MambaOnline já existe há 12 anos e tem 65 mil usuários individuais e 450 mil impressões todo mês da África. O site é compatível com aparelhos móveis e gera renda por meio de anúncios. Oferece notícias, matérias sobre estilos de vida, anúncios de eventos, notícias sobre entretenimento LGBTI e serviços de relacionamento. Também fornece perspectivas críticas sobre questões LGBTI na África do Sul, destaca celebridades LGBTI na África do Sul (e da África como um todo), gera discussões e debates (inclusive em

mídias sociais), e também ajuda a construir uma comunidade LGBTI saudável.

Outras iniciativas na África do Sul que fornecem plataformas à base de TICs para gays e outros homens que fazem sexo com homens incluem a organização OUT LGBT Wellbeing e a iniciativa Health4Men, da Annova Health, que fornecem serviços diretos de saúde para a comunidade LGBTI, bem como orientações gerais sobre estilos de vida por meio de clínicas e prestadores de serviços nacionais. Essas iniciativas alcançam a comunidade através de campanhas com mensagens e banners virtuais que incluem mensagens sobre HIV, ISTs e saúde sexual. A Health4Men também fornece links para um banco nacional de dados sobre serviços de saúde que acolhem gays e outros homens que fazem sexo com homens.

Os principais desafios de se trabalhar com TICs para alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens, especialmente no contexto da África Subsaariana, constam a seguir:

- Há estigma persistente acerca da sexualidade não tradicional e do viver com HIV.
- A população de gays e outros homens que fazem sexo com homens é diversa em termos de linguagem, cultura, educação e situação socioeconômica.
- Muitas vezes as imagens utilizadas na comunicação são "ocidentais" demais e não representam os públicos africanos.
- Há restrições quanto à utilização de imagens sexualmente explícitas.



Principais questões destacadas

Os participantes levantaram os seguintes pontos durante as discussões:

- É essencial considerar o amplo leque de ferramentas e plataformas disponíveis apropriadas para ações de abordagem comunitária: inclui não somente aplicativos de relacionamento, como também sites, mídias sociais, blogs, email e SMS. Nem todos os países, particularmente na África Subsaariana, têm um sistema de telecomunicações 4G (para aplicativos de *smartphones*) e não há uma única plataforma de TICs que sirva para todo mundo. Focar em aplicativos de relacionamento para alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens não pode ser a única solução, e exemplos bem-sucedidos existem em alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens em contextos com recursos limitados por meio de outras tecnologias (como Facebook e SMS).
- Os esforços de ONGs menores que trabalham com HIV para alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens com mensagens de prevenção ou informações sobre serviços disponíveis utilizando as TICs ainda precisam aproveitar o grande escopo e alcance da tecnologia móvel. Além disso, programas em algumas áreas têm sido ineficientes, com mensagens sem coordenação e foco ou capacidade limitados no que diz respeito ao monitoramento e avaliação da efetividade de programas online e móveis.
- Vários desafios importantes são enfrentados por organizações de base comunitária em países em desenvolvimento que tentam alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens por meio das TICs. Os desafios incluem limitações de financiamento e capacidade técnica para o desenvolvimento de tais projetos, bem como uma falta de entendimento no setor público sobre o potencial das TICs para a melhoria da saúde pública.
- Para desenvolver uma estratégia para a África Subsaariana envolvendo aplicativos de relacionamento, é essencial entender a penetração dos mesmos na região e traçar estratégias sobre como os diferentes atores podem contribuir para apoiar uma região onde os orçamentos são extremamente limitados, o custo do acesso à internet está fora do alcance da maioria e as relações entre pessoas do mesmo sexo são criminalizadas.
- Fazem-se necessárias mais opções inovadoras para incentivar as ONGs e as empresas de aplicativos de relacionamento a colaborarem de uma maneira que beneficie os dois lados. Um aspecto dessa colaboração poderia ser as ONGs promoverem os aplicativos de relacionamento ou apoiarem essas empresas quando são acusados de disseminar o HIV e as ISTs.

Abordagens inovadoras para as cascatas dos programas de HIV

Nesta sessão, alguns implementadores de projetos apresentaram estudos de caso de projetos com TICs utilizados para alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens. O objetivo foi compartilhar lições aprendidas e desafios que precisam de respostas para poder aprimorar o trabalho no futuro. O enfoque dos estudos de caso foi sobre como as TICs foram utilizadas para subsidiar aspectos específicos dos ciclos dos projetos, isto é, o desenho, o planejamento, a implementação e o monitoramento e avaliação.

Cary James, Chefe de Programas do THT no Reino Unido, descreveu o desenho e o planejamento da campanha *It Starts with Me* (Tudo Começa Comigo). Trata-se de uma campanha de dois anos de duração com o objetivo de aumentar a sensibilização sobre HIV e comunicar mensagens sobre testagem e preservativos para homens negros africanos e gays e outros homens que fazem sexo com homens no Reino Unido. A campanha foi testada antes de ser lançada por meio de discussões de grupos focais que buscaram determinar quais manchetes e narrativas da campanha mais reverberaram dentro do público-alvo, e quais eram as mais relevantes e tinham maior probabilidade de sucesso. Foi pedido para as pessoas que reagissem às mensagens e decidissem quais achavam ser motivadoras; também foi pedido que opinassem sobre os modelos, a linguagem, as cores e outros elementos do desenho da campanha.

As atividades de recrutamento, promoção e abordagem utilizavam mídias digitais, incluindo

Facebook, Twitter, aplicativos para celular, redes de visualização digital e sites de entretenimento adulto. As pessoas podiam fazer pedidos online de kits de testes gratuitos e receber serviços de testagem pelos correios. Descobriu-se que uma só mensagem via aplicativo era capaz de gerar mil pedidos para testes dentro de quatro horas, comprovando que as TICs podem ser uma ferramenta poderosa para o planejamento do escopo dos programas e que as plataformas integradas de TICs fornecem os melhores resultados.

Leon Sierra Paez, Diretor Executivo Adjunto da Kimirina, no Equador, fez uma apresentação do projeto *Ponteonce*, uma plataforma virtual que tem por objetivo alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens a fim de complementar estratégias de promoção entre pares e fortalecer o contato com os sistemas de saúde pública. O projeto *Ponteonce* é uma estratégia ousada e interativa de comunicação baseada na assim chamada “provocação para prevenção”, ou pornografia preventiva, onde vídeos de sexo podem ser exibidos com mensagens sobre sexo mais seguro e a importância do uso do preservativo. O *Ponteonce* se distanciou de abordagens tradicionais ou médicas para explorar e incorporar as linguagens e os métodos de comunicação que as populações-chave estão utilizando. Promove atitudes responsáveis, faz a ligação entre prevenção e direitos da comunidade, e adota estratégias de abordagem comunitária e educação entre pares que podem ser implementadas por promotores virtuais.

Baseado em um estudo sobre o comportamento de usuários de TICs no Equador, o *Ponteonce* utiliza um site hospedado na nuvem (*cloud-based*), Facebook e Twitter para promover a boa saúde de todos, ainda que seja com ênfase em gays e outros homens que fazem sexo com homens. O site dá visibilidade para organizações e grupos atuando em rede e trabalhando em saúde preventiva e na promoção dos direitos da comunidade. Além disso, garante a criação e consolidação de espaços comunitários. Possui vários níveis de interação, incluindo uma câmara ao vivo, espaços para bate-papo e um exercício “lúdico” envolvendo a autoavaliação de conhecimento sobre saúde e prevenção.

Mlewa Kalama, Diretor de Programas no Kenya AIDS NGOs Consortium - KANCO — Consórcio de ONGs/Aids do Quênia —, apresentou a inovação chamada *m-Klinic* que está sendo utilizada no Quênia. Trata-se de um aplicativo de saúde móvel (*mobile health / m-health*) para celulares que tem por objetivo melhorar a qualidade do acesso aos serviços por populações-chave. O *m-Klinic* fornece uma plataforma para agentes que fazem abordagem comunitária, prestadores de serviços e clientes que facilita o cadastramento, o encaminhamento e o seguimento do cliente; também permite que profissionais clínicos monitorem os encaminhamentos e analisem o histórico clínico dos clientes para averiguar se o diagnóstico e o tratamento estão corretos. O *m-Klinic* não precisa de uma conexão à internet porque utiliza interações com Dados de Serviços Suplementares Não Estruturados (*Unstructured Supplementary Service Data - USSD*) para

permitir acesso ao aplicativo.[3] Outros recursos incluem notificações periódicas de clientes por SMS para fins de seguimento e monitoramento, um sistema ímpar de codificação de clientes, notificações em tempo real (por meio de cadastramento, encaminhamento e lembretes), disseminação de informações (para grupos selecionados ou para a rede inteira de usuários da rede do *m-Klinik*), bem como a geração customizadas de relatórios.

Por último, Juliane Böthner da Deutsche AIDS-Hilfe apresentou vários projetos que têm por objetivo ajudar gays e outros homens que fazem sexo com homens a se protegerem contra o HIV e outras ISTs, cuidarem da saúde e avaliarem riscos sexuais. Uma dessas iniciativas é a campanha *I Know What I'm Doing* (Eu sei o que estou fazendo). Trata-se de uma campanha nacional na Alemanha para gays e outros homens que fazem sexo com homens que utiliza várias mídias para: fornecer informações sobre os riscos de transmissão do HIV e das ISTs; tornar as estratégias de gerenciamento de risco mais seguras ao fornecer informações diferenciadas; facilitar e motivar a comunicação; empoderar a comunidade, desestigmatizar o HIV; e fornecer uma visão holística sobre questões de saúde entre gays e outros homens que fazem sexo com homens.

A Deutsche AIDS-Hilfe profissionalizou ainda mais sua estratégia de mídia para garantir que seu site seja responsivo, mais útil e mais fácil de acessar; também tem trabalhado para aumentar a utilização

de páginas no Facebook e envolver mais pessoas na campanha por meio do YouTube, blogs e anúncios móveis.

O projeto *Health Support* (Apoio à Saúde) —uma atividade conjunta entre a Áustria, a Alemanha e a Suíça que começou em 2007—é uma iniciativa de aconselhamento virtual entre pares que utiliza o aplicativo Gay Romeo (uma plataforma de relacionamento bastante utilizada na Áustria, na Alemanha e na Suíça). O projeto conta com *Health Supporters* (Apoiadores de Saúde), que são voluntários ou profissionais com conhecimento especializado em várias áreas (tais como comportamentos relacionados a fetiches, *chemsex*[4] e outros) e que oferecem aconselhamento entre pares por meio do site e do aplicativo Gay Romeo. Atualmente o projeto tem *Apoiadores de Saúde* com mais de 60

3 O USSD é um protocolo utilizado por telefones celulares operando no Sistema Global para Comunicações Móveis (Global System for Mobile Communication - GSM) para enviar texto entre um celular e o programa de um aplicativo na rede. As aplicações podem incluir roaming pré-pago ou bate-papos móveis. Embora seja parecido com o SMS, o USSD fornece um serviço mundial de mensagens com boa relação custo-benefício, permite que mensagens aconteçam durante uma chamada, não gera tarifas de roaming, funciona com menus interativos e também com notificações (nSMS), é muito mais rápido que outras opções de mensagens, e não é baseado em softwares móveis ou chip (ou seja, precisa apenas de uma conexão à rede GSM)

4 *Chemsex* é um termo comum utilizado por gays em sites e aplicativos de relacionamento sexual para se referir ao uso de três drogas ("chems") específicas em um contexto sexual. As três drogas são metanfetamina, mefedrona e GHB. O *Chemsex* envolve o uso de uma ou mais dessas três drogas, em qualquer combinação e com ou sem outras substâncias, para facilitar ou potencializar o ato sexual.

perfis diferentes, e a coordenação, o treinamento e a garantia de qualidade são da responsabilidade da Deutsche AIDS-Hilfe. Os usuários do Gay Romeo podem entrar em contato anonimamente com os *Apoiadores de Saúde*, enviando um email com perguntas relacionadas ao HIV, ISTs, testagem para HIV, comportamentos de risco, prevenção primária e secundária, questões de saúde para gays e outros homens que fazem sexo com homens, entre outras. O Apoiador de Saúde responde às perguntas de forma sigilosa sempre que acessa o serviço.

Recentemente a Deutsche AIDS-Hilfe também desenvolveu uma ferramenta à base de software livre que conecta os usuários e os aconselhadores por meio de qualquer aparelho móvel, proporcionando uma ferramenta instantânea de mensagens / bate-papo parecido com o WhatsApp. A ferramenta é independente e pode ser integrada em qualquer comunidade de gays e outros homens que fazem sexo com homens, além de garantir o anonimato, a proteção e a segurança dos dados.

Principais questões destacadas

As reflexões sobre os programas inovadores que estão implementando abordagens virtuais se centraram nos seguintes pontos:

- O envolvimento de gays e outros homens que fazem sexo com homens em pesquisas e campanhas em plataformas de mídias sociais como Facebook, Twitter e aplicativos de relacionamento tem se comprovado uma maneira eficaz de alcançá-los.
- Alguns programas na China, na Alemanha, no Reino Unido e outros países têm liderado a criação de plataformas polivalentes, combinando serviços de relacionamento com salas de bate-papo, informações sobre saúde, oportunidades de interagir em redes sociais, entre outras. Em muitos países, contudo, os esforços para transformar as TICs em um componente-chave dos programas nacionais têm sido fracos ou inexistentes.
- A flexibilidade é necessária para ajustar as mensagens veiculadas por meio de plataformas que utilizam TICs a fim de lidar com a diversidade da população, linguagens e expectativas de diversos usuários.
- A construção de redes e diálogo entre grupos comunitários pode acabar formando um circuito fechado no qual as informações se tornem circulares e endógenas. Por esta razão, é importante fomentar a abordagem junto à população geral e promover a interação.
- Alguns participantes sugeriram que em determinados contextos, fornecer conteúdos pornográficos junto com mensagens sobre saúde seja mais eficaz para alcançar gays e outros homens que fazem sexo. Contudo, isto representa um desafio, nos casos em que agências financiadoras ou empresas de aplicativos de relacionamento não permitem tais estratégias.

Recomendações

As discussões no decorrer da consulta destacaram que a criação de parcerias significativas e efetivas entre todos os envolvidos na utilização das TICs para a saúde e o bem-estar de gays e outros homens que fazem sexo com homens necessita das seguintes etapas.

Fortalecendo a capacidade das tecnologias de informação e comunicação no setor público e na sociedade civil, com fornecimento de auxílio técnico

- Os governos nacionais e as autoridades de saúde pública, os financiadores e os serviços locais de saúde pública devem ser informados sobre o potencial da utilização das TICs em programas de saúde e de HIV. Também devem saber como integrar os componentes das TICs em programas para gays e outros homens que fazem sexo com homens.
- Os Programas Nacionais de AIDS e as ONGs maiores que trabalham com HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens devem estabelecer capacidade dedicada na área das TICs, tanto em termos de infraestrutura quanto de recursos humanos.
- As capacidades dos jovens na área de comunicação e tecnologia devem ser mais bem aproveitadas, e deve ser fortalecido o envolvimento de jovens em organizações que implementam programas para gays e outros homens que fazem sexo com homens.
- Os grupos comunitários devem ser incenti-

vados a alavancar plataformas e ferramentas existentes em vez de investir recursos financeiros valiosos no desenvolvimento de novos sites e plataformas a partir do zero.

- O UNAIDS deve considerar o desenvolvimento de orientações sobre a utilização das TICs em programas para gays e outros homens que fazem sexo com homens, e também considerar a criação de um repositório de melhores práticas, políticas públicas, ferramentas e metodologias relacionadas à sua utilização.
- Devem ser criadas oportunidades de treinamento sobre as plataformas que utilizam as TICs (ex.: por meio de seminários virtuais (*webinars*), oficinas regionais ou durante as Conferências Internacionais de AIDS).
- Devem ser elaborados e testados programas informados por evidências que demonstrem resultados em termos de mudança de comportamento e utilização de serviços. As ligações entre plataformas virtuais com TICs e serviços físicos e programas precisam ser estudadas, medidas e fortalecidas.

Melhorando a coordenação dos diferentes atores e a coerência de mensagens e campanhas

- As redes da sociedade civil nos âmbitos global, regional e nacional devem comunicar entre si—e colaborar com programas nacionais e organismos como o UNAIDS—para construir

consenso sobre campanhas coerentes e coordenadas que tenham cobertura ou intensidade suficiente para monitorar e alcançar resultados.

- O trabalho com as TICs no âmbito nacional deve ocorrer dentro do marco de uma agenda nacional de HIV, incluindo a integração de planos envolvendo TICs e comunicação nas estratégias nacionais para a AIDS.
- O UNAIDS deve considerar a nomeação de pontos focais regionais e nacionais para trabalhar com as redes comunitárias e ajudarem a coordenar o fortalecimento da capacidade de utilização das TICs e mensagens.
- As empresas de aplicativos de relacionamento devem considerar o desenvolvimento de uma lista de verificação (*checklist*) para todos os órgãos de saúde pública que apresentem solicitações de divulgação de anúncios, para deixar claro os critérios para a avaliação das propostas (ex. a clareza do objetivo, o alcance ou a coerência em relação a outras campanhas).

Melhor utilização de dados existentes e fortalecimento do banco de evidências

- Os dados gerados por aplicativos de relacionamento devem ser utilizados para estabelecer melhores estimativas do tamanho das populações de gays e outros homens que fazem sexo com homens, bem como melhores denominadores para a cobertura de serviços.
- Os dados existentes de aplicativos de rela-

cionamento, Facebook ou Twitter devem ser aproveitados para obter as características sociodemográficas das populações e poder analisar tendências de comportamentos sexuais, informações sobre IST/HIV, testagem, uso de drogas e outros dados relacionados às áreas de risco e prevenção.

- Um esforço conjunto deve ser realizado para fornecer para as empresas de aplicativos de relacionamento mapas de locais de testagem e outros serviços que podem ser disponibilizados para seus clientes.
- Programas informados por evidências que demonstrem resultados em termos de mudança de comportamento e utilização de serviços—e que tenham o potencial de contribuir para a redução de novas infecções por HIV—devem ser desenvolvidos, testados e levados à atenção de formuladores de políticas e financiadores. Precisam ser estudadas, mensuradas e fortalecidas as ligações entre plataformas virtuais com TICs e serviços físicos e programas.
- O UNAIDS deve considerar a formação de um grupo de trabalho para envolver atores interessados da academia, de empresas de aplicativos de relacionamento e comunidades para avaliar como utilizar volumes grandes de dados (*big data*) para produzir melhores estimativas dos tamanhos das populações, melhorar o monitoramento de comportamentos de risco e utilização de serviços ao longo do tempo, e medir a efetividade e o impacto dos programas que utilizam as TICs.

Um projeto especial para responder às necessidades de gays e outros homens que fazem sexo com homens na África Subsaariana

- Demonstrando seu forte compromisso em colaborar com a utilização das TICs para melhorar a saúde de gays e outros homens que fazem sexo com homens, os participantes da consulta representando os diferentes setores propuseram o desenvolvimento de um projeto-piloto que ajudaria a construir novas comunidades virtuais entre gays e outros homens que fazem sexo com homens na África Subsaariana. O piloto aproveitaria o amplo e crescente acesso já existente a aplicativos de relacionamento nos países africanos.
- O projeto proposto envolveria a criação de um aplicativo de análise comunitária para fazer um levantamento da saúde e do bem-estar de gays e outros homens que fazem sexo com homens na África Subsaariana e para avaliar seu envolvimento, suas necessidades e seus comportamentos. O segundo aspecto do aplicativo seria a oportunidade de conversar sobre questões relacionadas à PrEP, tratamento como prevenção, testagem para HIV e outras estratégias de prevenção dentro do contexto africano.
- O aplicativo coletaria dados ao longo do tempo e disseminaria novas mensagens para a comunidade. Inicialmente as mensagens poderiam ser restritas e focalizadas em testagem ou PrEP.

- O projeto seguiria os exemplos das pesquisas EMIS e CARIMIS, bem como da *Cities Initiative* (Iniciativa das Cidades) e a nova abordagem das *Rainbow Cities* (Cidades Arco-Íris).
- O conceito do novo aplicativo como um todo poderia ser informado pelo aplicativo de relacionamento Blued, da China, o qual proporciona uma plataforma abrangente que faz a ligação entre abordagem virtual e serviços presenciais. O Blued também possui vários recursos que servem para mobilizar as comunidades em torno de questões que são importantes para elas.

Próximos passos

- O UNAIDS fará a revisão e finalizará as propostas de recomendações e o relatório da consulta.
- A Divisão de Prevenção deverá informar o pessoal do UNAIDS sobre a consulta e seus resultados, e organizará uma teleconferência com o grupo gestor para discutir os próximos passos.
- O MSMGF compartilhará as recomendações com suas redes regionais e solicitará opiniões e sugestões para subsidiar ainda mais a implementação dos resultados da consulta.
- O UNAIDS elaborará uma nota conceitual sobre o aplicativo de análise comunitária.
- O UNAIDS formará dois grupos de trabalho: um sobre dados e pesquisa e outro sobre o projeto especial para a África.

Anexos

Anexo 1. Programação

DIA 1: Terça-feira, 19 de maio de 2015

Horário	Sessão	Palestrantes
08:30-09:00	Credenciamento	
09:00-09:45	Boas-vindas: UNAIDS e MSMGF Palavras de boas-vindas dos membros do grupo organizador Apresentações das pessoas presentes	Luiz Loures, Diretor Executivo Adjunto, UNAIDS Jack Mackenroth, MSMGF Darrin Adams, Health Policy Project Matt Avery, LINKAGES Laurindo Garcia, B-Change
09:45-09:50	Objetivos da consulta	Karl Dehne, UNAIDS
09:50-10:30	Atualização sobre a situação e resposta global do HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens Tópicos a serem abordados: <ul style="list-style-type: none">▪ Tendências nas novas infecções por HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens.▪ Atualização sobre o que funciona.▪ Uso do preservativo, testagem, PrEP e cobertura do tratamento.▪ Contexto jurídico e de políticas.▪ Metas de aceleração da resposta (Fast-Track).	Keith Sabin, UNAIDS
10:30-10:45	Coffee Break	
10:45-12:00	Evidências sobre o papel e o impacto em potencial das tecnologias de informação e comunicação e aplicativos para <i>smartphones</i> Tópicos a serem discutidos: <ul style="list-style-type: none">▪ Achados de pesquisas na África, na região Ásia-Pacífico, na Europa e na América do Norte.▪ Alcance, papel e tipos de TICs.▪ Evidências em potencial do impacto sobre comportamentos e utilização de serviços—o que funciona?	Coordenação: Darrin Adams, Health Policy Project David Brennen, Univ. de Toronto Laurindo Garcia, B-Change Teymur Noori, ECDC Riaan Norval, Anova Health David Novak, Online Buddies

12:00-13:00	<p>Experiências do setor privado na construção de comunidades online saudáveis</p> <p>Tópicos a serem discutidos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentações sobre o trabalho de diferentes empresas do setor privado na área de saúde sexual e HIV. ▪ Rumos atuais e futuros do seu trabalho na área de saúde sexual e HIV. ▪ Fortalezas, deficiências, desafios e oportunidades percebidos no trabalho junto com o setor público e as ONGs. 	<p>Coordenação: Karl Dehne, UNAIDS Sean Howell, Hornet Geng Le, Danlan Gay Men's Network Steve Levin, Grindr</p>
13:00-14:00	Almoço	
14:00-15:00	<p>Experiências do setor privado na construção de comunidades online saudáveis (continuação da sessão)</p> <p>Discussão</p>	David Novak, Online Buddies Carl Sandler, MR X
15:00-15:45	<p>Perspectivas comunitárias</p> <p>Contextualização: o papel das organizações comunitárias no mundo digital</p> <p>Tópicos a serem discutidos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Preferências comunitárias por programas e serviços de HIV prestadas via plataformas com TICs. ▪ Desafios e oportunidades relacionados a programas para alcançar gays e outros homens que fazem sexo com homens por meio das TICs. ▪ Oportunidades e desafios para o trabalho com os setores privado e público. 	<p>Coordenação: Jack Mackenroth, MSMGF Luiz De Barros, África do Sul Laurindo Garcia, Filipinas Denis Nzioka, Quênia</p>
15:45-16:00	Coffee break	
16:00-16:30	<p>Perspectivas comunitárias (continuação)</p> <p>Discussão</p>	
16:30-17:00	Reflexões sobre parcerias entre o setor privado e a comunidade	Darrin Adams, Health Policy Project
19:00	Jantar	

DIA 2: Quarta-feira, 20 de maio de 2015

Horário	Sessão	Palestrantes
09:00-09:15	Recapitulação do Dia 1	
09:15-10:45	<p>Mesa Ronda: Abordagens inovadoras para as cascatas dos programas de HIV</p> <p>Contextualização: quem são os implementadores de programas, como trabalhamos (ciclo programático) e no que trabalhamos (cascata do HIV)</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Estudo de caso da utilização das TICs para informar o desenho e o planeamento de programas.▪ Estudos de casos sobre a utilização das TICs na implementação de programas com enfoque em:<ul style="list-style-type: none">– mensagens e recrutamento; e– prestação de serviços (aconselhamento, apoio social e monitoramento da adesão).▪ Estudo de caso sobre a utilização das TICs para monitoramento e avaliação de programas. <p>Questões a serem discutidas:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Sabemos o que funciona? (Melhores práticas).▪ Sabemos o que não funciona? (Lições aprendidas).▪ Quais questões ainda permanecem sem resposta? (Lacunas a serem trabalhadas).	Coordenação: Matt Avery, LINKAGES Cary James, THT, UK Juliane Böthner, Deutsche AIDS-Hilfe (Germany) Leon Sierra, Ecuador Mlewa Kalama, Kenya
10:45-11:00	Coffee break	
11:00-12:30	<p>Trabalho em grupo sobre o fortalecimento de parcerias entre comunidades e os setores público e privado</p> <p>Questões a serem discutidas:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Qual vantagem comparativa o setor privado tem /quais orientações pode dar?▪ Quais elementos são essenciais para uma matriz conjunta para fortalecer as respostas ao HIV entre gays e outros homens que fazem sexo com homens?▪ Como as organizações de base comunitária, as ONGs e o setor público podem se aproximar da indústria privada?▪ Como pode ser melhorada a coordenação entre o setor público, o setor privado e a comunidade?▪ Qual papel poderia ser desempenhado pelo UNAIDS e outras agências da ONU?	

12:30-13:00	Apresentação dos resultados do grupo de trabalho	Richard Burzynski, UNAIDS (facilitador)
13:00-14:00	Almoço	
14:00-14:30	Apresentação dos resultados do grupo de trabalho (continuação)	
14:30-15:00	Plenária para fazer recomendações sobre os próximos passos	
15:00-16:00	Reunião da área de programas do UNAIDS Empresas de aplicativos de relacionamento apresentarão seu trabalho e terão uma discussão com pessoal do UNAIDS.	Empresas de aplicativos de relacionamento
16:00-16:15	Coffee break	
16:15-17:00	Plenária para fazer recomendações sobre os próximos passos (continuação)	Richard Burzynski, UNAIDS (facilitador) Karl Dehne , UNAIDS
17:00-17:15	Encerramento	Karl Dehne, UNAIDS MSMGF

Anexo 2. Lista de participantes

Name	Title	Affiliation/Country	Email
Setor Privado			
Art Baimkin	Vendas Nacionais de Anúncios	Grindr, Estados Unidos	Art.Baimkin@Grindr.com
Sean Howell	Diretor Presidente	Hornet, Estados Unidos	sean@gethornet.com
Geng Le	Diretor Presidente	Danlan, China	gengle@danlan.org
Steve Levin	Chefe de Vendas Globais	Grindr, Estados Unidos	steve.levin@grindr.com
Heng Li	Oficial de Conteúdos	Danlan, China	liheng@danlan.org
Carl Sandler	Diretor Presidente	MR X, Estados Unidos	carl@misterapp.com
Implementadores			
Juliane Böthner	Equipe de Campanhas	Deutsche AIDS-Hilfe, Alemanha	juliane.boethner@dah.aidshilfe.de
Luiz De Barros	Editor e Chefe de Redação	MambaOnline, África do Sul	luiz@mambaonline.com
Laurindo Garcia	Fundador	B-Change, Filipinas e Singapura	laurindo@b-change.org
Cary James	Chefe de Programas	Terrence Higgins Trust, Reino Unido	cary.james@tht.org.uk
Mlewa Kalama	Diretor de Programas	The Kenya AIDS NGOs Consortium (KANCO), Quênia	mkalama@kanco.org
Riaan Norval	Coordenador de Mídia	Anova Health, África do Sul	norval@anovahealth.co.za
Denis Nzioka	Ativista LGBTI, consultor e jornalista	Quênia	nziokanzioka@gmail.com
Leon Sierra Paez	Diretor Executivo Adjunto	Kimirina, Equador	lsierra@kimirina.org

Pesquisadores			
David J. Brennan	Professor Associado	University of Toronto, Canadá	david.brennan@utoronto.ca
Teymur Noori	Especialista em Saúde Pública	European Centre for Disease Prevention and Control (ECDC), Estocolmo	teymur.noori@ecdc.europa.eu
David Novak	Estrategista Sênior de Saúde Diretor Executivo	Online Buddies Online Buddies Research Institute, Estados Unidos	dnovak@online-buddies.com
Arie Rahadi	Pesquisador e Assessor para Avaliações	Indonesia AIDS Coalition, Indonésia	arahadi@iac.or.id
Organizações Internacionais			
Darrin Adams	Assessor Técnico Sênior	Health Policy Project, Estados Unidos	DAdams@futuresgroup.com
Matt Avery	Oficial de Comunicações Comportamentais Estratégicas, Região da Ásia-Pacífico	LINKAGES project, Tailândia	Mavery@FHI360.org
Richard Burzynski	Assessor Sênior, Direitos, Gênero, Prevenção e Mobilização Comunitária	UNAIDS, Suíça	burzynskir@unaids.org
Karl Dehne	Chefe, Divisão de Prevenção	UNAIDS, Suíça	dehnek@unaids.org
Jack Mackenroth	Oficial Sênior de Comunicações	The Global Forum on MSM & HIV (MSMGF), Estados Unidos	jackmax2@gmail.com
Ernest Massiah	Diretor, Equipe de Apoio Regional	UNAIDS, Caribe	massiahe@unaids.org
Souad Orhan	Oficial Técnico	UNAIDS, Suíça	orhans@unaids.org

Referências

- 1 *The Gap Report*. Geneva: UNAIDS; 2014 (disponível em: http://www.unaids.org/sites/default/files/en/media/unaids/contentassets/documents/unaidspublication/2014/UNAIDS_Gap_report_en.pdf, acesso em 19 fev. 2016).
- 2 GARPR não publicados.
- 3 ECDC and the World Health Organization (WHO). *HIV/AIDS surveillance in Europe, 2013*. Stockholm: ECDC; 2013.
- 4 *Um feature phone é um tipo de telefone celular que tem mais recursos que um celular básico, mas menos recursos que um smartphone. Os feature phones podem fazer e receber chamadas, enviar mensagens de texto e oferecer alguns (mas não todos) dos recursos avançados dos smartphones. Os feature phones foram criados principalmente para consumidores que querem um celular multifuncional, mas que não se dispõem a pagar os preços mais altos associados aos smartphones verdadeiros.*
- 5 *Um site mobile é um site que é acessível a partir do navegador de internet de qualquer aparelho, inclusive de um computador de mesa (desktop). Para poder registrar o nome de um domínio .mobi, um site precisa atender requisitos específicos que fazem com que seja mais fácil visualizá-lo e utilizá-lo a partir de aparelho móveis (como smartphones e assistentes pessoais digitais).*
- 6 *O USSD é um protocolo utilizado por telefones celulares operando no Sistema Global para Comunicações Móveis (Global System for Mobile Communication - GSM) para enviar texto entre um celular e o programa de um aplicativo na rede. As aplicações podem incluir roaming pré-pago ou bate-papos móveis. Embora seja parecido com o SMS, o USSD fornece um serviço mundial de mensagens com boa relação custo-benefício, permite que mensagens aconteçam durante uma chamada, não gera tarifas de roaming, funciona com menus interativos e também com notificações (nSMS), é muito mais rápido que outras opções de mensagens, e não é baseado em softwares móveis ou chip (ou seja, precisa apenas de uma conexão à rede GSM)*
- 7 *Chemsex é um termo comum utilizado por gays em sites e aplicativos de relacionamento sexual para se referir ao uso de três drogas (“chems”) específicas em um contexto sexual. As três drogas são metanfetamina, mefedrona e GHB. O Chemsex envolve o uso de uma ou mais dessas três drogas, em qualquer combinação e com ou sem outras substâncias, para facilitar ou potencializar o ato sexual.*

Copyright © 2016
Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS)
Todos os direitos reservados.

As designações empregadas e a apresentação de materiais nesta publicação não implicam na expressão, por parte do UNAIDS, de qualquer opinião relacionada à situação jurídica de qualquer país, território, cidade, área ou suas autoridades, ou relacionado à delimitação de suas fronteiras ou limites. O UNAIDS não garante que as informações contidas nesta publicação sejam completas e corretas e não poderá ser responsabilizado por qualquer prejuízo incorrido como resultado de sua utilização.

UNAIDS/JC2824E



UNAIDS
Joint United Nations
Programme on HIV/AIDS

20 Avenue Appia
1211 Geneva 27
Switzerland

+41 22 791 3666

unaids.org